

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO - UNISAGRADO

MARIA EDUARDA MELO VIDIGAL

PERCEPÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO ÀS
MULHERES VÍTIMAS DE AGRESSÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

BAURU
2021

MARIA EDUARDA MELO VIDIGAL

PERCEPÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO ÀS
MULHERES VÍTIMAS DE AGRESSÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado como parte
dos requisitos para obtenção do título
de Bacharel em Enfermagem –
Centro Universitário Sagrado
Coração.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula
Razera

BAURU
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD

V653p	<p>Vidigal, Maria Eduarda Melo</p> <p>Percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde / Maria Eduarda Melo Vidigal. -- 2021. 33f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula Razera</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Violência contra mulher. 2. Atenção Primária à Saúde. 3. Enfermagem. I. Razera, Ana Paula. II. Título.</p>
-------	--

MARIA EDUARDA MELO VIDIGAL

PERCEPÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO ÀS
MULHERES VÍTIMAS DE AGRESSÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos
requisitos para obtenção do título de
bacharel em Enfermagem - Centro
Universitário Sagrado Coração.

Aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Ana Paula Ribeiro Razera (Orientadora)
Centro Universitário Sagrado Coração

Profa. Enf. Renata Cristina de Oliveira Souza Castro
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE

Profa. Enf. Denise Pecoraro Cannever
Casa da Mulher

Dedico este trabalho aqueles que
buscam o caminho do conhecimento na
área da saúde sempre desejando cuidar
do próximo.

AGRADECIMENTO

À Deus por ter me dado essa oportunidade.

À minha bisavó Delma Maria por me ensinar que a maior herança que se tem é o conhecimento e pelo amor incondicional.

Ao meu pai Paulo Vidigal, meu herói que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu e que para mim foi muito importante.

À minha mãe Tatiana Vidigal, que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu padrasto Jairo D'Oliveira pelas lições de vida que me fizeram olhar mais à frente.

Ao meu noivo Jose Henrique Sbaraglini, pela parceria, incentivo e apoio incondicional.

Aos professores por todo apoio durante o curso e em especial minha orientadora Prof.a Dra. Ana Paula Ribeiro Razera, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

RESUMO

Objetivo: Identificar e analisar a percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária. **Método:** Revisão integrativa realizada nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde e *Scientific Electronic Library Online*, utilizando os descritores: violência contra mulher; atenção primária a saúde; e enfermagem. Foram incluídos artigos nacionais, na íntegra, disponibilizados no idioma português, disponíveis *online* e gratuitos, dos últimos cinco anos e que abordasse a temática pesquisada de acordo com a pergunta norteadora: Qual a percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde? Por fim, o conteúdo identificado nos artigos foi exposto por meio de categorias temáticas. **Resultados:** Inicialmente foram selecionados 222 estudos. Destes, 12 compuseram a amostra final, dos quais emergiram três categorias, sendo: (1) dificuldade na identificação da violência doméstica, (2) falta de capacitação e despreparo da equipe de enfermagem, e (3) assistência adequada da equipe de enfermagem. **Conclusão:** Conclui-se a necessidade da equipe de enfermagem na identificação da violência doméstica contra a mulher, de modo a melhorar a assistência e qualificar o cuidado prestado a essa população. Palavras-chave: Violência contra mulher. Atenção Primária à Saúde. Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To identify and analyze the perception of the nursing staff in caring for women victims of aggression in primary care. **Method:** Integrative review carried out in the Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences and Scientific Electronic Library Online databases, using the descriptors: violence against women; primary health care; and nursing. Full national articles were included, available in Portuguese, available online and free of charge, from the last five years and that addressed the researched theme according to the guiding question: What is the perception of the nursing staff in caring for women victims of aggression in primary health care? Finally, the content identified in the articles was exposed through thematic categories. **Results:** Initially, 222 studies were selected. Of these, 12 made up the final sample, from which three categories emerged, namely: (1) difficulty in identifying domestic violence, (2) lack of training and unpreparedness of the nursing staff, and (3) adequate assistance from the nursing staff. **Conclusion:** It concludes the need for the nursing team to identify domestic violence against women, in order to improve care and qualify the care provided to this population.

Keywords: Violence Against Women. Primary Health Care. Nursing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos artigos da revisão integrativa, Bauru, SP, 2021..... 20
- Figura 2 - Fluxograma do agrupamento da percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde. Bauru, SP, Brasil, 2020..... 23
- Quadro 1 - Apresentação dos estudos inclusos na revisão integrativa, segundo o título, autores, ano da publicação, metodologia e os principais resultados. Bauru, SP, 2021..... 21

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	13
2.2	CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA	14
3	OBJETIVO	17
4	MÉTODO	18
4.1	TIPO DE ESTUDO.....	18
4.2	PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS.....	18
5	RESULTADOS	20
6	DISCUSSÃO	24
6.1	DIFICULDADE NA IDENTIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	24
6.2	FALTA DE CAPACITAÇÃO E DESPREPARO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM	25
6.3	ASSISTÊNCIA ADEQUADA DA EQUIPE DE ENFERMAGEM	26
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), no ranking mundial de violência contra a mulher, o Brasil ocupa a quinta posição, estando atrás de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia, respectivamente, em ordem decrescente. Destaca-se que El Salvador apresenta um índice de 8,9 feminicídios para cada grupo de 100.000 habitantes enquanto que o Brasil possui uma taxa de 4,8 (CARDOSO, 2020; FERRAZ, 2017). Nesse contexto, a OMS afirma que 35% das mulheres em todo o mundo são vítimas de violência física e/ou sexual praticada, em sua maior parte, por seus parceiros (BARUFALDI *et al*, 2017). Em escala mundial, aproximadamente 38% dos assassinatos às mulheres são resultantes de crimes cometidos por um parceiro masculino. Dentre os fatores que possam induzir esse tipo de crime estão os baixos níveis de educação; exposição a maltrato infantil; experiência de violência familiar; transtorno de personalidade antissocial; uso nocivo do álcool; antecedentes de violência; discórdia e dificuldades de comunicação entre parceiros e crenças sobre honra da família e pureza sexual (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2017).

Esse índice pode aumentar com a pandemia global iniciada em 2020, pois com a quarentena as pessoas encontram-se em sua maior parte do tempo dentro em casa, próximas de seus companheiros, familiares e cônjuge. Reforçando essa tendência, foi identificado um aumento de 9% no número de ligações pelo programa “Ligue 180”, canal que recebe denúncias contra violência à mulher (BRASIL, 2020).

Mulheres de todas as idades, crenças, condições sociais e orientações sexuais podem ser acometidas pela violência e atingidas por esse fenômeno, que pode determinar um amplo espectro de agravos em sua saúde física, mental, sexual e reprodutiva. A violência é toda e qualquer forma de coação ou de constrangimento, e pode ser manifestada através de força física, agressão física ou moral, ameaça, criação de medo e intimidação (LACERDA, 2021).

Estudos indicam que a agressão física é mais cometida em nível privado e por parceiro íntimo, enquanto que o abuso sexual ocorre mais frequentemente em locais públicos e por desconhecidos. Aponta-se também que mulheres casadas ou em uniões

estáveis estão mais propensas a sofrerem agressões físicas enquanto que as mulheres solteiras a sofrerem agressões sexuais (MADEIRO *et al*, 2019).

A violência psicológica é a forma mais pessoal de violência contra as mulheres, pois as palavras têm o poder de ferir, enfraquecer e afetar a sua autoestima. Tal violência pode trazer danos psicológicos irreversíveis às mulheres ao longo da vida e, pelas causas e consequências desse fenômeno, pode impactar negativamente nas diversas atuações das vítimas (SIQUEIRA, 2019).

Sendo um fenômeno histórico, complexo e de difícil conceituação que permeia as relações desiguais entre homens e mulheres, a violência contra a mulher tem em suas raízes e origem as estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais, possuindo forte associação com as desigualdades sociais e relações de gênero (BARUFALDI *et al*, 2017).

Com a finalidade de estabelecer princípios, diretrizes e ações de prevenção e combate à violência contra as mulheres, foi criado em 2007 o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, que determina um acordo federativo entre os governos estaduais e municipais brasileiros para o planejamento de ações intersetoriais, com o objetivo de estabelecer diretrizes e ações para prevenção e combate à violência às mulheres, além de fornecer assistência e garantia de direitos às vítimas em situação de violência, seguindo legislações nacionais e internacionais de direitos humanos (BRASIL, 2011).

Esse pacto visa garantir a prevenção e o combate à violência, a assistência e a garantia de direitos às mulheres. Assim, é fundamental e imprescindível a necessidade de manutenção, ampliação e fortalecimento desta proposta dada a sua importância e relevância no país. Para isso, foram elaboradas garantias à serem seguidas, como da aplicabilidade da Lei Maria da Penha, da segurança cidadã e acesso à justiça, dos direitos sexuais e reprodutivos, enfrentamento à exploração sexual e ao tráfico de mulheres e também da autonomia das mulheres em situação de violência e ampliação de seus direitos (FIOCRUZ, 2017).

Os Serviços de Atenção Básica em Saúde (ABS) é a principal porta de entrada para o atendimento das mulheres em situação de violência, sendo assim, possuem a vantagem na identificação desses casos (MOREIRA *et al*, 2014). É indispensável que a

equipe de enfermagem esteja devidamente treinada e capacitada para lidar com as mulheres vítimas de agressão, além de acolhê-las devidamente. Um dos papéis fundamentais da enfermagem se dá pelo atendimento e acolhimento das vítimas, buscando sempre a melhor solução para contribuir com a redução do ciclo de violência, evitando assim que casos mais simples se agravem (REIS *et al*, 2010).

A Equipe de Saúde da Família (ESF) conta com atuação de profissionais de saúde, principalmente enfermeiros, que são fundamentais para trazerem essas discussões, planejarem estratégias e meios de resgatar a confiança, autonomia e poder das mulheres que estão sob seus cuidados (MOTA *et al*, 2020). Desta forma, deve-se colocar em prática a atenção e escuta estratégica de modo que possam compreender os contextos conjugais onde a violência ocorre.

Devido ao isolamento social decretado no primeiro trimestre de 2020, sabe-se que a vítima passou a estar mais vulnerável, exigindo assim um suporte psicológico no intuito de exercer o domínio e empoderamento sobre sua vida, visando a possibilidade de saída da relação onde a violência ocorre. Assim, o cuidado eficiente e qualificado do enfermeiro que atuam na atenção primária é muito importante para que a confiança seja conquistada e que se tenha um cuidado sem preconceito e julgamento. Essas considerações remetem à necessidade de discutir as questões que envolvem a temática, pois nem sempre esses profissionais percebem a vivência da violência conjugal (MOTA, 2020).

Diante do exposto, questiona-se: qual a percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde?

Nesse contexto, buscou-se descrever se as mulheres vítimas de agressão estão recebendo um acolhimento necessário e se os profissionais de enfermagem estão aplicando corretamente o protocolo desenvolvido a elas e de forma eficaz, buscando trazer maior qualidade de vida, levando à diminuição do número de reincidência de futuras agressões.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

É definido como todo ato de violência praticado contra uma mulher apenas por motivos de gênero, segundo afirmação de um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2006. Compreende um amplo leque de agressões de caráter físico, psicológico, sexual e patrimonial que ocorrem em um continuum que pode culminar com a morte por homicídio, fato que tem sido denominado de femicídio ou feminicídio (MENEGHEL, 2017).

A violência apresenta-se como uma forma de legitimação de poder do homem sobre a mulher, sendo por isso denominada de violência de gênero (FERRANTE, 2009).

De acordo com um estudo da OMS, a violência contra a mulher é um problema de saúde pública, porque pode provocar lesões imediatas, infecções, depressão e até transtorno mental. Ainda de acordo com o estudo, cerca de 35% de todas as mulheres devem sofrer violência ou em casa ou fora dela, em algum momento de suas vidas (BANDEIRA, 2013).

A violência contra a mulher constitui-se um grave problema de saúde pública que aflige as mais diversas classes sociais. Os estudos apontam que a maioria dos casos ocorre em seus próprios lares e que o uso de álcool pode ser apontado como fator de risco para a perpetuação e intensificação deste problema (NETO *et al*, 2015)

A mulher passou a ter um ponto de partida após a criação e surgimento de delegacias especializadas, que proporcionam apoio e acesso a redes pública e privada para que as delegacias funcionem com eficácia operando de forma integrada e oferecendo um atendimento qualificado, evitando assim a revitimização da mulher que chega até a mesma. Observa-se a importância do primeiro atendimento dado à vítima e do papel que esse momento passa a ter sobre as decisões que ela tomará quanto a permanecer na relação violenta ou buscar novas saídas para sua vida.

Esse problema pode se agravar e se tornar ainda mais complexo devido a fatores como insensibilidade e inexperiência de profissionais de saúde, apresentando somente tendência à medicalização dos casos e pouca interação entre a relação vítima acolhimento (GADONI-COSTA, 2011).

Supõe-se que o aumento de ocorrências de violência contra a mulher seja resultante também da ampliação da cobertura do sistema de registros e redução da subnotificação de casos (BRASIL, 2020).

Aproximadamente 29 milhões de pessoas adultas já sofreram algum tipo de violência no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019 – Acidentes, Violência, Doenças Transmissíveis, Atividade sexual, Características do trabalho e Apoio social, divulgada pelo IBGE e em parceria com o Ministério da Saúde. A pesquisa mostra que a violência atinge mais as mulheres, resultando em um percentual de 19,4% de mulheres que sofreram violência nos 12 meses anteriores à pesquisa (IBGE, 2021).

2.2 CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA

A violência contra a mulher, de acordo com a Lei Maria da Penha, pode se dividir em cinco tipos, sendo elas: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.

A Violência Física pode ser entendida como qualquer ato ou conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher por meio de uso de força física, bem como espancamentos, torturas, objetos atirados, apertos em braços, pernas e outras partes do corpo, lesões com objetos cortantes ou perfurantes. Pode ser caracterizado também através de agressões e ferimentos provocados por armas de fogo ou qualquer instrumento que possa causar lesões internas e/ou externas (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

Outra forma de violência é a Violência Psicológica, que também pode ser chamada de “agressão emocional”. O texto legal a descreve como sendo condutas que causem danos emocionais em geral ou atitudes que tenham objetivo de limitar ou controlar suas ações e comportamentos, através de ameaças, constrangimentos, humilhações, chantagens e outras ações que lhes causem prejuízos à saúde psicológica (BRASIL, 2018).

É toda ação que tem como consequência causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Trata-se de uma forma de violência de difícil identificação. Tanto é que muitas vítimas sequer dão conta de que estão sofrendo danos emocionais. Inclui ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento,

discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e familiares, ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro. Dentre as categorias já citadas de violência, esta é a mais difícil de ser identificada, podendo levar a vítima a se sentir desvalorizada, além de sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade. Algumas situações que são prolongadas durante muito tempo podem se agravar e levar a pessoa a provocar suicídio (SILVA *et al*, 2007).

A Violência Sexual é definida no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde como qualquer ato ou tentativa de obter uma relação sexual, além de comentários ou investidas sexuais indesejadas. Além disso, a Violência Sexual volta-se contra a sexualidade de uma pessoa por meio da coação praticada por qualquer pessoa, independentemente de sua relação com a vítima e em qualquer cenário possível (FEBRASGO, 2021).

No Brasil, o estupro é juridicamente definido como sendo o ato de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (BRASIL, 2012).

Com a finalidade de garantir a proteção e assegurar um atendimento de qualidade às vítimas de Violência Sexual, o Ministério da Saúde padronizou o atendimento tornando multidisciplinar para as vítimas por meio da Norma Técnica.

O atendimento emergencial, que ocorre nas primeiras 72 horas após a violência, tem como finalidade acolher e administrar serviços de emergência e as profilaxias contra as possíveis DSTs, doenças virais e bacterianas que possam ser contraídas pelo ato de violência sexual. A Norma também prevê atendimento às mulheres que solicitam aborto legal nos casos de gravidez resultantes de estupro, situação já prevista no Código Penal Brasileiro desde 1940 (NUNES, 2017).

A Violência Patrimonial é definida como qualquer conduta que configure retenção e/ou destruição parcial ou total dos objetos da vítima, bem como instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens materiais e recursos econômicos. Essa violência se resume em causar dor ou dissabor à mulher, pouco importando o valor dos bens subtraídos. São situações que geram abalos financeiros irreversíveis no futuro dessas vítimas, que muitas vezes abrem mão de direitos por não terem condições emocionais mínimas para sustentar a demanda. Essa forma de violência ainda é pouco conhecida e poucos casos chegam a ser relatados e denunciados (BRASIL, 2014).

Alguns exemplos desse tipo de violência são os abandonos de empregos formais e omissões dos vencimentos para não pagar alimentos aos filhos e até mesmo atrasá-los injustificadamente, além de aquisição de bens em nome de terceiros para restringir os recursos para a sobrevivência da vítima. Outro exemplo também é o cancelamento do plano de saúde afeto à esposa, como forma de punição e constrangimento, colocando em risco a saúde e a própria vida (BRASIL, 2014).

E por último, cita-se a Violência Moral, que se caracteriza por uma série de condutas que configurem calúnias, difamação ou injúria à vítima. Como exemplo temos exposições de vida íntima da mulher, críticas mentirosas, acusar a vítima de traição e rebaixá-la por meio de xingamentos sobre sua índole. Essa violência também pode ocorrer pela internet através de divulgações de fotos íntimas nas redes sociais como forma de vingança (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

3 OBJETIVO

Conhecer a percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde.

4 MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura direcionada a percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde.

4.1 TIPO DE ESTUDO

Utilizou-se a revisão integrativa da literatura, a qual possibilitou conhecer a percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde. Esta metodologia permite a abordagem de diversos tipos de estudos, permitindo uma vasta análise do assunto abordado e uma síntese de conhecimento produzido (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

4.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Para realização desta revisão foi considerado o levantamento bibliográfico e, em seguida, a coleta de informações, dados, fatos e informações contidas na bibliografia selecionada.

Respeitando-se o que se propôs estudar, a questão norteadora foi: qual a percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde?

O levantamento bibliográfico foi realizado nas seguintes bases de dados: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando-se os descritores: violência contra mulher, atenção primária à saúde e enfermagem.

Os critérios adotados para inclusão dos estudos foram: artigos nacionais de pesquisa, na íntegra, disponibilizados no idioma português que abordasse a temática pesquisada e disponíveis *online* e gratuitos, dos últimos cinco anos. Os estudos encontrados em mais de uma base de dados, foram considerados somente uma vez, sendo excluídos os artigos duplicados.

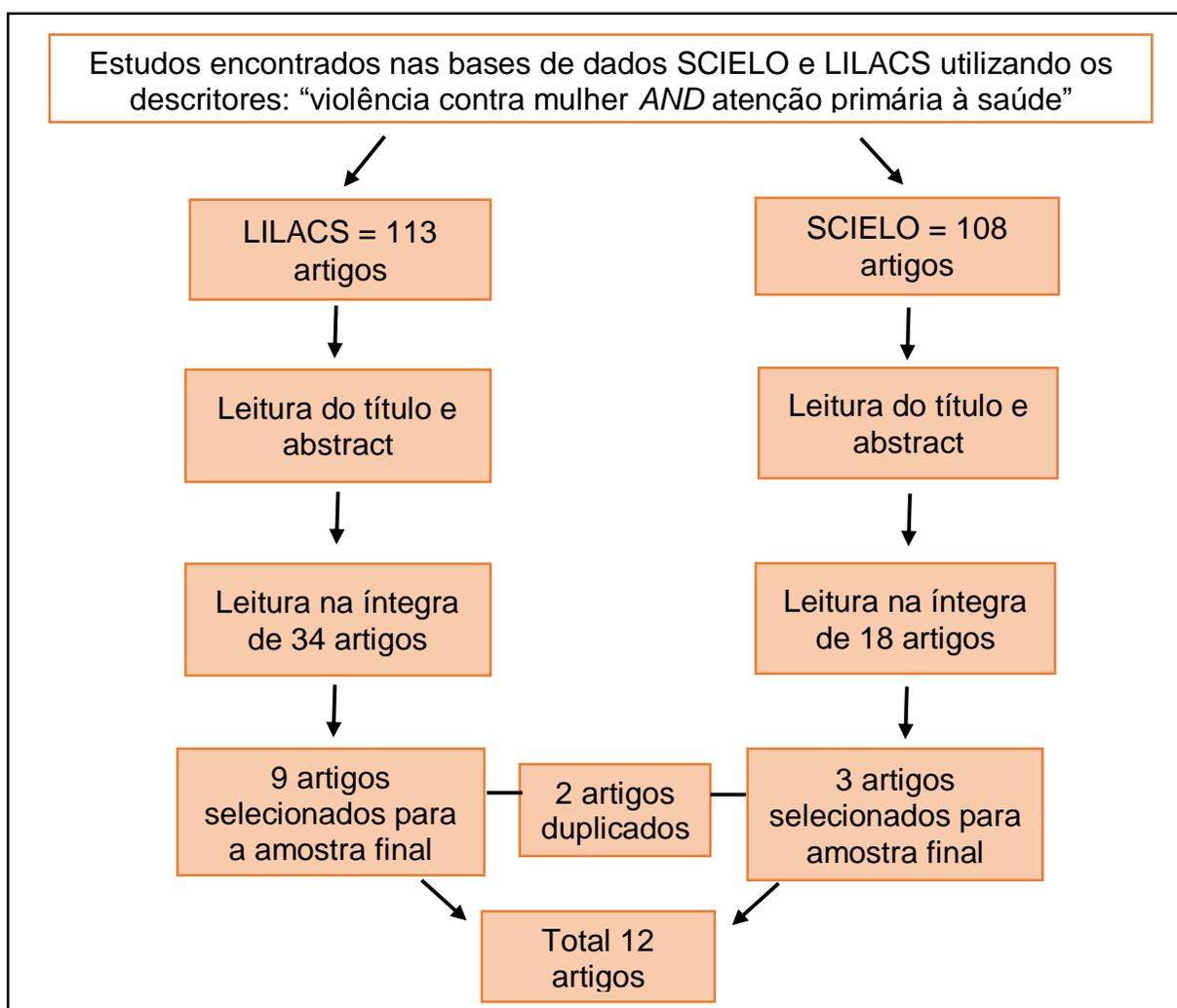
A partir dos artigos selecionados, foi realizada uma leitura crítica e interpretativa com a necessária imparcialidade e objetividade, na qual foram relacionadas às

informações e ideias dos autores com o objetivo do estudo. A partir da leitura, foram elaboradas categorias reflexivas e descritivas de análise dos dados.

5 RESULTADOS

Por meio da busca avançada, utilizando-se os descritores “violência contra mulher AND atenção primária à saúde”, nos artigos nacionais publicados nos últimos cinco anos, foram encontrados inicialmente 222 estudos. Após a leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 52 estudos para leitura na íntegra, no entanto, apenas 14 responderam à pergunta norteadora. Destes, foram excluídos dois estudos por se encontrarem duplicados. Assim, 12 artigos compuseram a amostra final conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos artigos da revisão integrativa. Bauru, SP, 2021.



Fonte: Elaborada pela autora.

Quadro 1 - Apresentação dos estudos inclusos na revisão integrativa, segundo o título, autores, ano da publicação, metodologia e os principais resultados. Bauru, SP, 2021

(continua)

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR/ANO DE PUBLICAÇÃO/BASE DE DADOS	DESENHO DO ESTUDO	PRINCIPAIS RESULTADOS/ RECOMENDAÇÕES
Obstáculos e facilitadores para o cuidado de mulheres em situação de violência doméstica na atenção primária em saúde: uma revisão sistemática	OLIVEIRA <i>et al.</i> 2020 SCIELO	Revisão sistemática de produção bibliográfica	Centrou-se em representações e crenças dos profissionais. Os principais obstáculos foram a constituição da violência doméstica contra a mulher como questão do escopo da saúde, traduzida em dificuldades na identificação do problema e manejo no encontro assistencial, ausência de treinamento, trabalho em equipe, rede intersetorial, medo e falta de tempo.
Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde	SILVA <i>et al.</i> 2020 SCIELO	Estudo descritivo e de abordagem qualitativa	Reconhecimento da vítima, situação familiar e uso de substâncias como fatores relacionados. A maioria dos profissionais participantes consegue compreender que há diversos tipos de violência e reportaram a violência verbal, física, moral, sexual, psicológica, doméstica, o assédio, privação dos direitos da mulher, desrespeito e a desigualdade salarial entre gêneros.
Percepções de enfermeiros da atenção primária no atendimento às mulheres vítimas de violência sexual	MOTA <i>et al.</i> 2020 LILACS	Estudo descritivo-exploratório com abordagem qualitativa	A empatia foi um sentimento presente nos enfermeiros, bem como a frustração; a falta de conhecimento específico sobre a temática e a dificuldade na identificação dos casos de violência sexual também estiveram presentes e podem resultar na subnotificação dos casos na atenção primária.
Assimilação teórica e prática da violência doméstica: profissionais de enfermagem atendendo vítimas na atenção primária	AMARIJO <i>et al.</i> 2018 LILACS SCIELO	Pesquisa qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais	Ao prestar o cuidado, a enfermagem necessita olhar além do fato ou da queixa apresentada, pensar sobre os fatores macrossômicos que podem desencadear a violência e direcionar as suas ações de cuidado à pessoa considerando as suas especificidades e singularidades
Violência contra a mulher: como os profissionais na atenção primária à saúde estão enfrentando esta realidade?	SANTOS <i>et al.</i> 2018 LILACS	Estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa	Concluiu-se que são necessárias capacitações para os profissionais que compõem as equipes a fim de que eles sejam capazes de ofertar uma assistência integral a essas mulheres.

Quadro 1 - Apresentação dos estudos inclusos na revisão integrativa, segundo o título, autores, ano da publicação, metodologia e os principais resultados. Bauru, SP, 2021

(continuação)

Atuação dos enfermeiros da atenção básica a mulheres em situação de violência	SILVA <i>et al</i> 2017 LILACS	Estudo qualitativo	Os ACS (agentes comunitários da saúde) ao identificarem um caso de violência, devem informar imediatamente a equipe, buscando, por meio da socialização e discussão dos casos, a solução por meio das condutas terapêuticas e assistenciais. Porém, essa ação pode gerar conflitos, por expor o ACS como principal autor da denúncia, que envolve situações de maus tratos.
Dispositivos de poder utilizados por enfermeiros para o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher	AMARIJO <i>et al</i> 2021 LILACS SCIELO	Pesquisa qualitativa	O enfermeiro fez uso dos dispositivos de poder que tem disponível para auxiliar as mulheres na transformação das situações de violência. A enfermagem pode gerar transformações sociais, uma vez que está engajada em ações que visam à promoção da saúde.
Intencionalidade da ação de cuidar mulheres em situação de violência: contribuições para a Enfermagem e Saúde	CORTES <i>et al</i> 2016 SCIELO	Pesquisa qualitativa	O típico da ação revelou a premência de se ampliar o foco do cuidado para o sujeito em sua situação biográfica singular. Vislumbram-se ações que visem desconstruir as atitudes naturais em relação à violência vivida.
Práticas de cuidado da(o) enfermeira(o) à mulher em situação de violência conjugal	MOTA <i>et al</i> 2020 LILACS	Pesquisa descritiva e qualitativa	Cuidar da mulher em situação de violência conjugal envolve acolhimento e trabalho em equipe multiprofissional. Os enfermeiros acolhem e buscam resolver as queixas da mulher. Entretanto, o silêncio da mulher, a contrarreferência e a capacitação profissional inadequada foram dificuldades encontradas.
Violência contra as mulheres: atuação da enfermeira na atenção primária à saúde	SEHNEM <i>et al</i> 2019 LILACS	Pesquisa descritiva e qualitativa	O vínculo, acolhimento e notificação compulsória constituíram fatores importantes para a atuação junto às mulheres em situação de violência. A falta de abordagem do tema na formação acadêmica e profissional e a desarticulação da rede de atenção foram identificadas como condições que dificultam à atenção.
Violência contra a mulher: como os profissionais na atenção primária à saúde estão enfrentando esta realidade?	SANTOS <i>et al</i> 2018 LILACS	Estudo exploratório-descriptivo, de abordagem qualitativa	Concluiu-se que são necessárias capacitações para os profissionais que compõem as equipes a fim de que eles sejam capazes de ofertar uma assistência integral a essas mulheres.

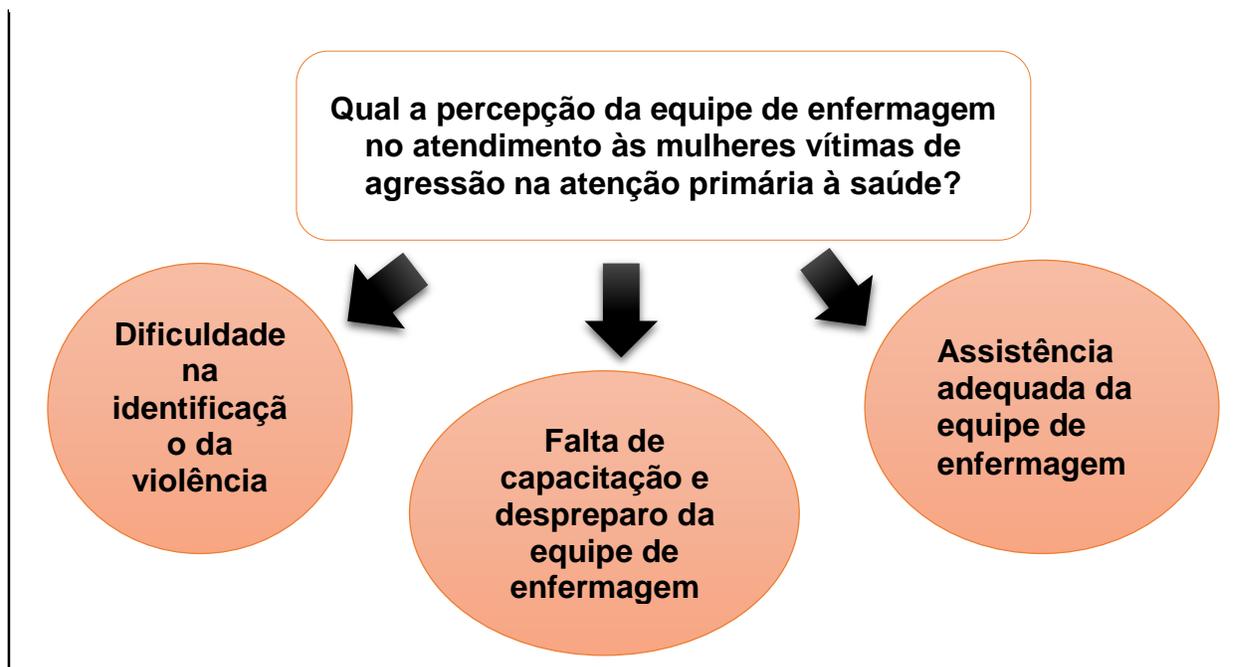
Quadro 1 - Apresentação dos estudos inclusos na revisão integrativa, segundo o título, autores, ano da publicação, metodologia e os principais resultados. Bauru, SP, 2021

(conclusão)			
Percepção de profissionais de saúde sobre violência contra a mulher: estudo descritivo	MACHADO <i>et al</i> 2017 LILACS	Estudo descritivo e qualitativo	Os profissionais exibem dificuldades na compreensão de conceitos, como denúncia e notificação, e conhecimento superficial sobre a Lei Maria da Penha, o que pode prejudicar processos de orientação e encaminhamentos.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da análise dos estudos selecionados, e de acordo com a pergunta norteadora, foram identificados três fatores percebidos pela equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde, sendo: (1) dificuldade na identificação da violência doméstica, (2) falta de capacitação e despreparo da equipe de enfermagem, e (3) assistência adequada da equipe de enfermagem (Figura 2).

Figura 2 - Fluxograma do agrupamento da percepção da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de agressão na atenção primária à saúde. Bauru, SP, Brasil, 2020.



Fonte: Elaborado pela autora.

6 DISCUSSÃO

6.1 DIFICULDADE NA IDENTIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A violência contra a mulher pode ser qualificada como um grave problema sociocultural com impacto de saúde pública. Alguns avanços significativos foram observados no Brasil em relação à proteção das mulheres em situação de violência, como a criação de unidades de atendimento primário e Delegacias de Defesa da Mulher (DDM). Essas DDM tornaram possível e mais prático para a mulher fazer sua denúncia de violência e ser acolhida, além de ter um local especializado e com equipe técnica capacitada para atendê-la (MACHADO *et al*, 2020).

Neste estudo observou-se a dificuldade da equipe de enfermagem na identificação da violência doméstica, sendo que uma das primeiras etapas a serem seguidas no acolhimento e atendimento é a identificação da violência, onde em muitas situações acabam prejudicando a assistência (SILVA *et al*, 2020; OLIVEIRA *et al*, 2020).

O termo “violência contra a mulher” abrange, segundo o Instituto Maria da Penha 2018, agressão não somente física, mas também sexual, psicológica, moral e patrimonial. Ocorre em todo o país e muitas vezes o agressor é o próprio parceiro de relacionamento ou até mesmo algum parente. A vítima pode estar sofrendo lesões, ofensas, humilhações, abusos ou chantagem e cabe ao profissional da saúde que esteja devidamente preparado para qualquer tipo de situação (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

A falta de supervisão e empatia são fatores que acabam desencorajando a vítima a seguir com o atendimento (D’OLIVEIRA *et al*, 2020; MOTA *et al*, 2020). Outro fator que também contribui para a dificuldade na identificação é a ocorrência em bairros periféricos, onde as vítimas possuem um receio de serem vistas nesses postos de atendimento (MOTA *et al*, 2020). Todavia, é crucial que os enfermeiros estejam preparados para identificar sinais que sugiram a violência, pois as vítimas podem manter um silêncio por conta da relação com seus agressores, que muitas vezes são seus próprios parceiros íntimos ou familiares (SANTOS *et al*, 2018).

Desta forma, torna-se necessário que a equipe de enfermagem tenha um olhar sensível, acolhedor e preparado para desvelar essas mulheres e assim desenvolver uma abordagem e cuidado necessário apropriado (SEHNEM *et al*, 2019)

6.2 FALTA DE CAPACITAÇÃO E DESPREPARO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Um dos pontos mais importantes do atendimento às vítimas de violência é a capacitação e preparo da equipe de saúde. É fundamental que os profissionais estejam preparados para as situações que possam surgir no dia a dia de trabalho. A falta de tempo, sobrecarga de trabalho, falta de clareza do papel de cada profissional, rotatividade e variações nos horários e diferença de salários dos integrantes da equipe são alguns fatores que prejudicam diretamente o atendimento à vítima (OLIVEIRA *et al*, 2020).

Vale ressaltar que alguns enfermeiros não sentem capacitados para a assistência às mulheres que sofreram violência, mesmo exercendo o trabalho há algum tempo. Percebe-se um despreparo para lidarem com esse tipo de caso, o que pode resultar em encaminhamento da vítima a outro serviço e/ou subnotificação dos casos (SILVA *et al*, 2020; MOTA *et al*, 2020).

Os enfermeiros demonstram conhecimento insuficiente sobre o assunto, bem como as normas e legislação. Alguns citam a necessidade de um encaminhamento a outros profissionais como psicólogos, assistentes sociais, e outros procuram não se envolver com a situação por considerar que esse trabalho caberia a outro profissional especializado, como um médico (CORTES *et al*, 2016; SANTOS *et al*, 2018).

Evidencia-se, por tanto, a necessidade de uma melhor formação, tanto profissional quanto acadêmica, no intuito de instrumentalizar as equipes de saúde, em especial, os enfermeiros para atuar diante da violência contra a mulher. Estudos sugerem que as instituições de ensino superior implementem e forneçam espaços especializados de discussão dessa temática, pois o tema é pouco abordado desde a graduação, e continua após a formação acadêmica, onde não há a promoção de discussões e qualificação para uma abordagem específica (MOTA *et al*, 2020; SEHNEM *et al*, 2019).

6.3 ASSISTÊNCIA ADEQUADA DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Por outro lado, também há qualidades citadas nos achados deste estudo, bem como os cuidados e esforços prestados pela equipe de enfermagem, além de direcionarem um olhar mais amplo, além do fato ou da queixa apresentada, a exposição de pensamentos e fatores que possam desencadear a violência. Assim, os profissionais não se restringem apenas ao físico, mas se preocupam em acolher as vítimas e focam suas atenções como um todo, procurando estabelecer um vínculo de confiança a partir de um diálogo (AMARIJO *et al*, 2018).

Foram constatadas também ações desenvolvidas nas Unidades Básicas de Saúde e as influências que os enfermeiros apresentavam na vida da mulher vítima de violência em seu cotidiano, onde os enfermeiros empenhavam suas forças em acolher, orientar e notificar a situação através do meio legal e ético que lhes cabia (AMARIJO *et al*, 2021).

É de extrema importância e cabe ao profissional atuante no combate à violência contra a mulher, que determine alternativas de enfrentamento, além de decifrar e compreender situações relatadas, capacitando-se para o trabalho, além de participar de discussões sobre questões de violência contra a mulher.

A Enfermagem é de grande importância no papel do cuidar e acolher as mulheres vítimas de agressão, estendendo além das técnicas as ações humanizadoras utilizando os sentidos de acolher, ouvir, tocar e silenciar. É de sua responsabilidade fornecer uma qualidade no cuidado prestado com responsabilidade, procurando sempre atender com um conjunto de medidas, postura e atitudes para ouvir, com sensibilidade, criatividade, solidariedade e empatia, juntamente com as diretrizes estabelecidas nas Normas Técnicas (NT) determinadas pelo Ministério da Saúde (MS) (OLIVEIRA, 2019).

Também é dever do profissional de saúde colaborar e participar de organizações e eventos na área, sempre levando em consideração sua importância e, devido ao sofrimento quase que exclusivo por parte da mulher, providenciar um apoio ainda maior junto com as necessidades de se atentar ao tema aqui proposto, frisando a importância desta preocupação, sobretudo em se tratando do acolhimento a esta mulher.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se neste estudo que a equipe de enfermagem ainda sofre algumas dificuldades com o atendimento às mulheres vítimas de agressão, bem como a falta de qualificação necessária, desconhecimento de normas e legislação, assunto pouco abordado durante a formação acadêmica, falta de tempo, divergência de horários e salários, além de fatores externos como locais em periferias e comunidades onde há o crime organizado, que possa gerar um medo ou receio diante da exposição. Além dessas dificuldades há também a importância de que a vítima esteja à vontade para conseguir realizar a denúncia e detalhamento das agressões, e para isso os enfermeiros devem acolher a pessoa como um todo, mostrando empatia e gerando um vínculo de confiança entre as duas partes.

Considera-se que apesar do assunto ser de extrema importância no cenário nacional, muitos profissionais relatam não terem recebido a qualificação ideal para atender e acolher da melhor maneira possível as mulheres vítimas de agressão, além de mostrarem desconhecimento de pontos fundamentais como normas técnicas e legislação, por tratar-se de tema pouco abordado durante e após a formação acadêmica.

A dificuldade na identificação da violência foi outro fator levantado, pois muitas vezes é preciso que a vítima esteja preparada para tratar do assunto, sendo necessário desenvolver um sentimento de confiança entre a mulher vítima de agressão e o profissional de saúde, mostrando empatia pela situação e fornecendo um acolhimento ideal para a situação. Em contrapartida, é observado um bom preparo de algumas equipes quando ações são desenvolvidas para acolher essas vítimas, não restringindo os cuidados apenas pelo lado físico da vítima, mas também sentimental, com demonstração de solidariedade, empatia, sinceridade nos diálogos e escuta ativa.

Por fim, conclui-se a necessidade da equipe de enfermagem na identificação da violência doméstica contra a mulher, de modo a melhorar a assistência e qualificar o cuidado prestado a essa população.

REFERÊNCIAS

AMARIJO, C., L. *et al.* Assimilação teórica e prática da violência doméstica: profissionais de enfermagem atendendo vítimas na atenção primária. **Revista Enfermagem UERJ**. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/33874>. Acesso em: 09 nov. 2021.

AMARIJO, C., L. *et al.* Dispositivos de poder utilizados por enfermeiros para o enfrentamento da violência contra a mulher. **Texto Contexto Enfermagem**, Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/7LYqcbBsSqxSyQ7p5fRB6cM/>. Acesso em: 09 nov. 2021.

BANDEIRA, R., Violência contra a mulher é problema de saúde pública e a agressão mais comum é do parceiro íntimo, diz OMS. **Conselho Nacional de Justiça**. 2013. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/violencia-contra-a-mulher-e-problema-de-saude-publica-e-a-agressao-mais-comum-e-do-parceiro-intimo-diz-oms/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

BARUFALDI, L., A. *et al.* Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 2930. 2017

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Coronavírus: sobe o número de ligações para canal de denúncia de violência doméstica na quarentena**. Brasília. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/coronavirus-sobe-o-numero-de-ligacoes-para-canal-de-denuncia-de-violencia-domestica-na-quarentena>. Acesso em: 2 mai. 2021.

BRASIL. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres**. Senado. Brasília, 2011. 45 p. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRASIL. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes. **Norma técnica**. Brasília, 2021. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf. Acesso em: 09 jun. 2021.

BRASIL. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. **Violência Patrimonial**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/violencia-patrimonial>. Acesso em: 16 nov. 2021.

BRASIL. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. **Violência Psicológica Contra a Mulher**. Brasília, 2018. Disponível em:

<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/educacao-semanal/violencia-psicologica-contr-a-mulher>. Acesso em: 9 jun. 2021.

BRASIL. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19 – ed. 2. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, São Paulo. 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2021.

CARDOSO, J., M.; SANTOS, K., A.; MAFFEI, A., M., C. isolamento social como gatilho para o aumento da violência doméstica contra as mulheres: um estudo reflexivo sobre suas interfaces em iporá-go. In: **Anais da jornada jurídica do curso de direito da universidade estadual de goiás – unidade universitária de iporá**. 2020. p. 104.

COORDENADORIA DA MULHER. **Definição de Violência contra a Mulher**. portal da mulher. Aracajú. 1 p. Disponível em: <https://www.tjse.jus.br/portaldamulher/definicao-de-violencia-contr-a-mulher>. Acesso em: 9 mar. 2021.

CORTES, L., F.; PADOIN, S., M., M. Intencionalidade da ação de Cuidar mulheres em situação de violência: contribuições para a Enfermagem e Saúde. **Programa de Pós-Graduação em Enfermagem**, Santa Maria, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/b8Yz6Yvh5tskjfFrnrqWnWv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2021.

D'OLIVEIRA, A. F. P. L. *et al.* Obstáculos e facilitadores para o cuidado de mulheres em situação de violência doméstica na atenção primária em saúde: uma revisão sistemática. **Interface: comunicação, saúde, educação**. Botucatu. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/ttfjMwYKXCHCxxhKHjSVpMYL/?lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2021.

FEBRASGO. **Violência Sexual**. Federação brasileira das associações de ginecologia e obstetrícia. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/166-violencia-sexual>. Acesso em: 9 jun. 2021.

FERRANTE, F., G.; SANTOS, M., A.; VIEIRA, E., M. Violência contra a mulher: percepção dos médicos das unidades básicas de saúde da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. **Comunicação Saúde Educação**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 21, p. 287-299, 2009.

FERRAZ, N. Femicídio: 10 países com maior taxa de violência contra a mulher. In: **Blasting News Brasil**, 2017. Disponível em: <https://br.blastingnews.com/sociedade-opinioao/2017/01/feminicidio-10-paises-com-maior-taxa-de-violencia-contr-a-mulher-001427789.html>. Acesso em: 5 mai. 2021.

FONSECA, D., H.; RIBEIRO, C., G.; LEAL, N., S., B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, João Pessoa, v. 24, n. 2, p. 307-314, 2012.

FIOCRUZ. **Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra a Mulher**. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. 2017. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/pacto-nacional-pelo-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

GADONI-COSTA, L., M., ZUCATTI, A., P., N., DELL'AGLIO, D., D., Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. **Estudos de psicologia**. Campinas. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/4bDDdbpnCGcM69sZSkf79GM/?lang=pt>. Acesso em: 16 nov. 2021.

IBGE. **Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>. Acesso em: 08 jun. 2021.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Tipos de violência. 2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 8 jun. 2021.

LACERDA, I., A., O conceito de violência contra a mulher no direito brasileiro, **Departamento de Direito**. Disponível em: http://www.pucrio.br/pibic/relatorio_resumo2014/relatorios_pdf/ccs/DIR/DIR-Isadora%20Almeida%20Lacerda.pdf, 19 abr. 2021

MACHADO, D. F. *et al.* Violência contra a mulher: o que acontece quando a Delegacia de Defesa da Mulher está fechada?. **Ciência & Saúde Coletiva**, Botucatu, v. 25, n. 2, p. 483-494, 2020.

MACHADO, *et al.* Percepção de profissionais de saúde sobre violência contra a mulher: Estudo descritivo. **Online Brazilian Journal of Nursing**. 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-877011>. Acesso em: 09 nov. 2021.

MADEIRO, A., *et al.* Violência física ou sexual contra a mulher no Piauí, 2009-2016. **J. Health Biol Sci**. n 7, Teresina, p. 258-264. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/2417/871>. Acesso em: 09 mai. 2021.

MENDES, K., D., S.; SILVEIRA, R., C., C., P.; GALVÃO, C., M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2021.

MENEGHEL, S. N.; PORTELLA, A, P. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Artigo**. Recife, p. 3.077-3.086, 2017.

MOREIRA, T., N., F. *et al.* A construção do cuidado: o atendimento às situações de violência doméstica por equipes de Saúde da Família. **Saúde e Sociedade**. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/88568>. Acesso em: 9 maio 2021.

MOTA, A., R. *et al.* Práticas de cuidado da(o) enfermeira(o) à mulher em situação de violência conjugal. **Revista Online de Pesquisa**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1102795>. Acesso em: 09 nov. 2021.

MOTA, J., A.; AGUIAR, R., S. Percepções de enfermeiros da atenção primária no atendimento às mulheres vítimas de violência sexual. **Revista Nursing**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1100410>. Acesso em: 09 nov. 2021.

NETO, J. S. *et al.* Violência contra a mulher no contexto de saúde pública. **Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança**, Paraíba, v. 13, n. 2, p. 60-65, 2015. Disponível em: <http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2010/11/Viol-ncia-contra-a-mulher-PRONTO.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

NUNES, M. C. A.; LIMA, R. F. F.; MORAIS, N. A. Violência Sexual contra Mulheres: um Estudo Comparativo entre Vítimas Adolescentes e Adultas. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Fortaleza, v. 37, n. 4, p. 956-969, 2017.

OLIVEIRA, A. F. S., EMANUELLE, T., BARRETO, C., A. O cuidar em enfermagem à mulher vítima de violência sexual. **Revista Saúde em Foco**. v. 11, p. 567-573, 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Folha informativa: Violência contra as mulheres**. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820. Acesso em: 21 abr. 2021.

REIS, M., J., *et al.* Vivências de enfermeiros na assistência à mulher vítima de violência sexual. **Revista Saúde Pública**, Campinas, n. 44 p. 325-331. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v44n2/13.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2021.

SANTOS, S., C., *et al.* Violência contra a mulher: como os profissionais na atenção primária à saúde estão enfrentando esta realidade?. **Revista Saúde e Pesquisa**. Maringá, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-912672>. Acesso em: 09 nov. 2021.

SEHNEM, G., D., *et al.* Violência contra as mulheres: atuação da enfermeira na atenção primária à saúde. **Revista de Enfermagem da UFSM**. Santa Maria, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/35061/0>. Acesso em: 09 nov. 2021.

SILVA, L., L. *et al.* Silent violence: psychological violence as a condition of domestic physical violence. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.11, n.21, p. 93-103, 2007.

SILVA, N., N., F., *et al.* Atuação dos enfermeiros da atenção básica a mulheres em situação de violência. **Revista Enfermagem Foco**. 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1028320>. Acesso em: 09 nov. 2021.

SILVA, V., G.; RIBEIRO, M., P. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. **Escola Anna Nery**. Alfenas, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/RXvRBqJz3x4dD3BmntHDCsK/?lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2021.

SIQUEIRA, C., A.; ROCHA, E., S., S., Violência psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno, **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**. Macapá, A.P., p. 12-23, 2019. Disponível em: <https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/107/63>, Acesso em: 9 mai. 2021.

VIEIRA, C., P. A mulher e a violência patrimonial. **Artigo**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/334490/a-mulher-e-a-violencia-patrimonial>. Acesso em: 9 jun. 2021.